

X

ROBERT IRWIN

PELO AMOR AO SABER

Tradução de WALDÉA BARCELLOS

Revisão técnica de MAURÍCIO PARADA

*Jornal
2009*

Introdução

“Você é um orientalista?”, perguntou o laiaio.

Estremeci por dentro. Era uma palavra com laivos, laivos sombrios. Um orientalista era alguém que andava por aí em trajes típicos, portava um teodolito de bolso e trabalhava pelo absoluto e total domínio do Ocidente.

Tim Mackintosh-Smith, *Travels with a Tangerine: A Journey in the Footsteps of Ibn Battutah* (2002) [Viagens com um tangerino: seguindo os passos de Ibn Battutah]

Um homem não vive apenas sua vida pessoal enquanto indivíduo, mas também, de modo consciente ou não, a vida de sua época e de seus contemporâneos.

Thomas Mann, *A montanha mágica* (1924)

Às vezes eu me considero um fóssil vivo, porque estudei numa escola em que o comparecimento diário aos serviços religiosos na capela bem como o estudo do latim eram compulsórios para todos (embora o grego fosse apenas para os garotos inteligentes). O ensino do latim dependia muito do aprendizado de cor das declinações e dos elementos de análise sintática e escansão. Nossos livros didáticos remontavam ao início do século XX ou até mesmo antes. Os professores dos clássicos detinham-se amorosos em questões graves como, por exemplo, a de saber se o “V” romano deveria ser

pronunciado como um “U” ou não. Eu costumava jogar o jogo do alfabeto durante os sermões, e havia sermões prolongados pelo menos uma vez por semana. Eram-nos apresentadas figuras clássicas e bíblicas como modelos de comportamento — o rei Davi, Simão Macabeu, Caio Múcio Cévola ou Cipião, o Africano. O sistema educacional que suporrei era sem dúvida muito mais semelhante ao praticado nos séculos XVII e XVIII do que ao sistema que prevalece no século XXI. Hoje a educação já não confere uma ênfase tão forte às realizações de heróis individuais; e, na maioria das escolas, a doutrinação cristã foi substituída por algo mais vago, mais gentil e mais multicultural. O aprendizado por memorização caiu em desgraça. Mesmo assim, considero agora que minha imersão precoce em textos em latim e na Bíblia se revelam úteis para a compreensão das origens e formação do orientalismo, pois, como veremos, o orientalismo se desenvolveu à sombra dos discursos muito mais imponentes da Bíblia e dos clássicos.

Esforcei-me ao máximo para tornar este livro interessante, para que ele possa ser lido por prazer, além de pela informação. Entretanto, isso criou problemas para mim, na medida em que uma característica crucial deste meu livro está em seu assunto não ser muito importante nem muito fascinante — ainda menos realmente sinistro. O antigo modo de adquirir conhecimento era um pouco entediante. Os estudos sérios costumam ser. A maior parte do que os orientalistas fazem há de parecer totalmente sem graça para quem não é orientalista. Não há nada assim tão empolgante em intelectuais pedantes ocupados em fazer comparações filológicas entre o árabe e o hebraico, em catalogar as moedas do Egito fatímida ou em estabelecer a cronologia básica das campanhas militares de Harun al-Rashid contra Bizâncio. Os estudos acadêmicos costumavam dar pouca ênfase à acessibilidade ou à pertinência sociopolítica contemporânea. Os principais textos dos primeiros orientalistas foram escritos em latim erudito, portanto somente poderiam ser lidos por uma elite instruída. Além disso, eram menores as pressões para publicar, e muitas traduções e ensaios acadêmicos permaneciam em manuscrito. Bispos devotos, patronos valerosos, tímidos antiquários, curadores de museu com muito tempo livre, lentes com suas becas e perucas — todos empreendiam suas investigações

secretas em tomos empoeirados. Eles conseguiam encontrar empolgação em controvérsias havia muito tempo esquecidas, referentes aos decretos do Concílio da Calcedônia ou da maneira correta de pronunciar o grego clássico. Mentalmente, eles caminhavam e conversavam com os mortos. Muitos dos orientalistas que vou examinar consideravam sua pesquisa acadêmica uma espécie de oração; e, fossem católicos ou protestantes, seguiam para o túmulo convencidos de que, uma vez dado o último suspiro, eles enfrentariam a salvação ou a condenação eterna. Para a maioria de nós, é difícil penetrar nesse passado com a imaginação.

O orientalismo era e é um ramo subsidiário dos estudos ocidentais em geral; a história do orientalismo acadêmico é, portanto, um estudo de caso especial sobre o papel dos acadêmicos na vida cultural. Quem ensinou a quem e como funciona a transmissão acadêmica? Como se obtém reconhecimento como estudioso? Em qualquer século, que recursos eram necessários e estavam disponíveis para o objetivo de proceder a um estudo adequado de outra cultura? O estudo da língua árabe e do islã era realmente importante dentro da estrutura maior da vida intelectual ocidental? Essas são perguntas simples que ainda estão sem resposta. E além disso, há as questões mais tenebrosas, levantadas por críticos do orientalismo, como a de até que ponto os acadêmicos que trabalham nesta área colaboraram de modo consciente ou inconsciente com o imperialismo e com o sionismo. Certos dicionários e enciclopédias podem ser acusados como agentes da expropriação cultural? E já que chegamos a este ponto, será que todos os críticos do orientalismo escrevem em boa-fé, ou será que parte da polêmica não teria uma intenção oculta relacionada à política acadêmica dentro do país, ao anti-semitismo ou ao fundamentalismo islâmico?

Este livro não teria sido escrito se não fosse pelo livro de Edward Said, *Orientalismo*, publicado pela primeira vez em 1978. Said acrescentou um posfácio a uma reedição em 1995, mas nenhum dos erros sobre fatos e interpretações da primeira edição foi corrigido na versão ampliada. O que o livro diz? Resumindo: o orientalismo, o discurso hegemônico do imperialismo, é um discurso que restringe tudo o que pode ser escrito e pensado no Ocidente a respeito do Oriente, e mais especificamente a respeito do

islã e dos árabes. Ele legitima a penetração e apropriação das terras árabes por parte do Ocidente e endossa o projeto sionista. Embora Said não seja coerente quanto aos primórdios do orientalismo, em geral ele afirma que sua origem está nas obras de estudiosos franceses e britânicos do final do século XVIII. Entretanto, a formação discursiva não estava restrita aos acadêmicos, já que administradores do império, exploradores e romancistas também participaram desse discurso ou foram vítimas dele. O Ocidente possui um monopólio sobre como o Oriente pode ser representado. As representações do Oriente portam invariavelmente implicações da superioridade ocidental ou mesmo, com muita frequência, afirmações categóricas dessa superioridade. Ressalte-se que somente é possível falar de representações do Oriente, já que o Oriente não possui realidade objetiva, sendo apenas um construto do orientalismo. Caracteristicamente, o orientalismo é essencialista, racista, condescendente e sujeito a motivações ideológicas.

Embora alguns admiradores do livro de Said tenham admitido que ele contém muitos erros e com frequência apresenta de modo equivocado as realizações dos orientalistas que examina, às vezes eles afirmam que o livro merece louvor e atenção por conta da pesquisa e debate subsequentes que provocou. Não tenho tanta certeza disso. A maior parte do debate subsequente ocorreu dentro dos parâmetros estabelecidos por Edward Said. Muito do que é decididamente de importância central para a história do orientalismo foi discretamente excluído por ele, ao passo que todo tipo de material irrelevante foi invocado para apoiar uma acusação à integridade e ao valor de determinados estudiosos. Uma sensação é a de que se é forçado a discutir não o que realmente aconteceu no passado, mas o que Said e seus partidários acham que deveria ter acontecido. Uma vez que se entre no labirinto de caminhos errados, perspectivas de *trompe-l'oeil* e becos sem saída, é difícil encontrar o caminho da saída e refletir com racionalidade e imparcialidade sobre o assunto. A distorção do tema de *Orientalismo* é tão fundamental que aceitar sua estrutura mais ampla como algo com que se possa trabalhar para então corrigir não passaria de desperdício de tempo. Circunscrevi, portanto, num único capítulo a maior parte de minhas discordâncias em relação a Said. Isso me permitiu

mais espaço para examinar as principais obras produzidas por importantes orientalistas que foram de modo tão estranho desconsiderados ou menosprezados em *Orientalismo*. Para pôr minhas cartas na mesa já de início, a meu ver aquele livro é uma obra de uma impostura malévola na qual é difícil distinguir erros verdadeiros de falsidades propositadas. A meus leitores essa postura pode parecer um afastamento em relação à moderação e à cortesia normais ao debate acadêmico, mas infelizmente *Orientalismo* foi o primeiro a adotar essa atitude. Said, que morreu em 2003, era uma figura respeitada. Ao atacar seu livro mais importante, receio desagradar a alguns amigos meus. Por outro lado, sem dúvida também deixarei furiosos antigos inimigos, e nisso sentirei enorme prazer. Na realidade, estou atacando o livro, não o homem. Não discordo em termos significativos do que Said escreveu sobre a Palestina, Israel, *Kim* de Kipling, ou sobre a técnica de Glenn Gould ao piano.

Orientalismo foi um campeão de vendas — se merecia ter sido é outro assunto. *Pelo amor ao saber* vai cobrir boa parte do mesmo território de uma forma que espero seja mais coerente e acessível. O “território” em questão é vasto, pois, embora os orientalistas sempre fossem poucos numerosos e raramente fossem famosos, o trabalho que realizaram foi fortemente influenciado pelo que já tinha sido feito em exegese bíblica, crítica literária, historiografia e outras disciplinas de maior projeção; e às vezes, em contrapartida, a pesquisa feita por orientalistas tinha implicações na forma pela qual se lia a Bíblia ou Homero. Ela ainda podia lançar alguma luz sobre como as línguas em geral evoluíram. Logo, as questões apresentadas neste livro têm implicações para os que trabalham em estudos literários, históricos, teológicos e culturais — naturalmente além daqueles que trabalham com estudos orientais. Livros de importância crítica sobre o orientalismo de autoria de Anouar Abdel-Malek, Edward Said, Alain Grosrichard e outros também levantaram questões profundas e difíceis sobre a natureza do discurso, “o Outro”, “o Contemplar” e um amplo leque de questões epistemológicas afins. Para lidar com esses e com outros textos críticos, é necessário levar em consideração a pertinência potencial para o estudo do orientalismo de conceitos formulados por Antonio Gramsci, Michel Foucault e outros. As conclusões alcançadas após um es-

tudo da verdadeira história do orientalismo (ou no mínimo de uma história mais verdadeira) podem ser aplicáveis a controvérsias em campos com alguma ligação. (Estou pensando, por exemplo, em *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization* [Atena negra: as raízes afro-asiáticas da civilização clássica] de Martin Bernal, 1987, e em *Inventing the Barbarian: Greek Self-Definition through Tragedy* [A invenção do bárbaro: autodefinição grega através da tragédia] de Edith Hall, 1989.)

Neste período inicial, são necessárias apenas algumas palavras referentes ao significado do termo “orientalismo”, como está empregado no livro de Said e no meu. No século XVIII, a palavra francesa “*Orientaliste*” descrevia alguém que se interessava por questões levantinas (não chinesas, nem indianas). Na Grã-Bretanha, o termo “orientalista”, como era usado mais para o final do século XVIII, se referia inicialmente a um estilo, mais do que a uma disciplina acadêmica. “Os dragões são um sinal inegável de orientalismo”, segundo Thomas Warton em *History of English Poetry* [História da poesia inglesa] (1774-81). Foi apenas no início do século XIX que ele veio a designar o estudo de todas e quaisquer culturas e idiomas asiáticos. Houve um período na década de 1830 em que “orientalista” adquiriu um significado bastante específico no contexto da Índia Britânica. Lá os “orientalistas” eram administradores e estudiosos que defendiam a idéia de trabalhar com os tradicionais costumes e instituições muçulmanos e hindus, na medida do possível, e de estudar, ensinar e pesquisar a herança cultural indiana. Esses homens foram enfrentados e acabaram sendo derrotados por anglicistas como Macaulay e Bentinck, que, em termos gerais, preferiram impor as instituições britânicas e sua cultura ao subcontinente. Subseqüentemente, o termo “orientalista” apresentou a tendência a ser usado como referência a quem tenha feito um estudo especial das línguas e culturas asiáticas (e do norte da África). Pelo menos desde a década de 1960, o orientalismo está sob o ataque de partidários do islamismo, marxistas e outros; e a designação de “orientalista” adquiriu nuances pejorativas. Seja como for, se alguém quiser me chamar de “orientalista”, eu me sentirei lisonjeado em vez de ofendido.

Quando publicou seu pequeno livro *British Orientalists* [Orientalistas britânicos] em 1943, A. J. Arberry escreveu a respeito de acadêmicos que

viajavam pela Arábia, Pérsia, Índia, Indonésia e Extremo Oriente ou que escreviam sobre esses lugares. Em 1978 Said veio a usar a palavra “orientalismo” num novo sentido, mais restrito, para designar quem percorria o mundo árabe, o estudava ou escrevia a respeito dele, e mesmo nesse caso ele excluiu o norte da África a oeste do Egito. Não consigo adivinhar por que motivo ele excluiu o norte da África, mas, deixando-se de lado essa omissão, nesse caso específico aceito com prazer sua delimitação até certo ponto arbitrária do tema, pois é a história dos estudos ocidentais da história e da cultura árabe e do islã o que mais me interessa. Entretanto, costuma ser necessário lançar um olhar de esguelha para o que estava acontecendo nos estudos contemporâneos sobre os persas e turcos — particularmente os turcos, pois seria arbitrário isolar o estudo do mundo árabe pré-moderno dos estudos otomanos. Desenvolvimentos na sinologia e na egiptologia são também por vezes pertinentes e, naturalmente, qualquer estudo do orientalismo que deixe de tratar da importância avassaladora dos estudos bíblicos e do hebraico, bem como da religião em geral, para o modo pelo qual o islã e os árabes foram estudados e descritos seria despropositado e totalmente anacrônico.

Alguns autores consideraram que as origens do orientalismo seriam encontradas na Grécia Antiga. Outros sugeriram um início muito mais tardio, com os decretos do Concílio de Vienne em 1311-12. Ainda outros são da opinião de que não existiu nenhum orientalismo digno desse nome antes da invasão do Egito por Bonaparte em 1798. Do ponto de vista destes últimos, a ascensão do orientalismo começa praticamente ao mesmo tempo que a era dourada do imperialismo europeu. Minha própria visão, que esclarecerei em mais detalhes no decurso deste livro, é a de que não existiu ninguém que pudesse ser considerado um orientalista sério antes de Guillaume Postel (c. 1510-81), e que o orientalismo ou bem começa no século XVI com ele ou, se não tão cedo, não teria passado do início do século XVII, quando Jacob Golius (1596-1667) e Edward Pococke (1604-91), bem como outras figuras não tão eruditas ou industriosas, publicaram suas pesquisas pioneiras. Contudo, examinarei sucintamente o que poderia por equívoco ser interpretado como prova de um orientalismo remoto na Antiguidade e na Idade Média, antes de atacar o século XVII e posteriores.

Até as últimas décadas do século XIX, o orientalismo dispunha de poucos recursos do tipo de estruturas institucionais, e o apogeu do orientalismo institucional somente surgiu na segunda metade do século XX. Os institutos de pesquisa, os bancos de livros de referência, as conferências de especialistas e associações profissionais surgiram nessa época. Portanto, *Pelo amor ao saber* é principalmente uma história de estudiosos isolados, muitas vezes homens solitários e excêntricos. Exponentes intelectuais como, por exemplo, Postel, Erpenius e Silvestre de Sacy vasculharam a Europa em busca de correspondentes de erudição semelhante que pudessem ter alguma idéia da natureza dos problemas recônditos com que eles trabalhavam. Como o orientalismo não tinha nenhum discurso predominante e compulsório, eram muitos os interesses e estilos de pensamento em competição. Este livro contém, portanto, muitas descrições de indivíduos que eram orientalistas — diletantes, obsessivos, evangelizadores, livres-pensadores, loucos, charlatães, pedantes, românticos. (Mesmo assim, talvez ainda não seja o suficiente.) Não pode haver uma crônica única do orientalismo que se possa inserir em limites claramente definidos.

É provável que Edward Pococke tenha sido o melhor arabista da sua época; e, muito depois, Antoine Isaac Silvestre de Sacy tenha sido o mais ilustre estudioso do árabe clássico no início do século XIX. Não obstante, consigo apresentar melhores traduções do árabe do que qualquer uma dessas duas figuras impressionantes. Não é por eu ser mais inteligente nem mais aplicado do que eles, mas por eu ter aprendido com mestres dedicados, ao passo que Pococke e Silvestre de Sacy precisaram ser verdadeiros autodidatas. Além disso, tenho acesso a dicionários, gramáticas e outras ferramentas de referência muito melhores, como, por exemplo, a excelente *Encyclopaedia of Islam*. Um tema recorrente neste livro é o modo pelo qual cada geração de arabistas considerava insatisfatório o trabalho da geração anterior. Era mais ou menos inevitável que isso ocorresse. Pelos padrões atuais, ninguém nos séculos XVII e XVIII conhecia o idioma árabe assim tão bem. Os primeiros orientalistas costumavam ser impiedosos em suas críticas às traduções e decisões de edição uns dos outros. A rivalidade e o rancor foram poderosos propulsores na história do orientalismo.

Pelo amor ao saber não contém nenhum estudo das cartas de Flaubert escritas no Egito, dos romances de Disraeli, do quadro de Delacroix sobre *A morte de Sardanápalo* nem sobre a *Aida* de Verdi. Sou contrário à idéia de que o orientalismo possa ser encarado basicamente como um modelo de obras-primas literárias e de outras naturezas artísticas, criadas principalmente por homens brancos já mortos. Os produtos do orientalismo tradicional eram menos coloridos e menos fluentes que isso. Em seu aspecto mais importante, o orientalismo repousava sobre o enfadonho trabalho acadêmico e a total atenção aos detalhes filológicos. Não creio que o romancista Flaubert e o estudioso do árabe e do islã Sir Hamilton Gibb estivessem realmente contribuindo para o que em sua essência seria o mesmo discurso, ou se eram vítimas dele. Contudo, a distinção entre a produção acadêmica e a artística naturalmente não é perfeitamente nítida. Por exemplo, o romance *Vathek de William Beckford* apresenta notas de pé de página de aparência acadêmica; e, por outro lado, a compreensão de Gibb da carreira de Saladino foi profundamente influenciada por seu entusiasmo pelo romance *O talismã* de Walter Scott. Existe uma significativa superposição entre os estudos dos orientalistas e as obras artísticas de inspiração oriental; mas creio tratar-se somente de uma superposição e não de uma prova de um único discurso coeso. Mesmo assim, a forma pela qual o islã e os árabes foram apresentados por escritores e artistas ocidentais tem uma nítida importância, além de ser interessante por seu próprio mérito, e isso eu pretendo examinar num segundo volume, intitulado *As artes do orientalismo*.

Enquanto escrevia este livro, beneficiei-me de conversas com Helen Irwin, Mary Beard, Tom Holland, Charles Burnett, Roz Kaveney e com o professor Hugh Kennedy. Sou grato a meu editor, Stefan McGrath, por seu entusiasmo. Também fui favorecido pela revisão de Jane Robertson. Eles não são responsáveis por nenhum erro encontrado neste livro — quem dera que fossem. Embora eu tenha censurado pesadamente alguns críticos do orientalismo por seus erros factuais, tenho perfeita consciência de que, ao cobrir um campo tão vasto como o da história do orientalismo, é bem provável que eu mesmo tenha cometido uma grande quantidade de erros. Pelo menos, procurei acertar.

Uma investigação sobre a natureza de uma determinada polémica do século XX

Uma possível réplica poderia ser a de que o efeito ideológico de Puff é neutralizado com o próprio ato de sua exposição e denúncia. Sem dúvida, uma vantagem diante do imperialismo; e eu mesmo me encarregarei de fazer um pouco dessa neutralização num piscar de olhos. Entretanto, o modo de alarme indignado vai se esgarçando muito depois de algum tempo. Se, em vez disso, fizermos pleno uso de conceitos pós-coloniais, pós-modernos — entre outros, a "aporia, a ambivalência, a indeterminação, a questão do fechamento discursivo, a ameaça à intervenção, a condição de intencionalidade, o questionamento a 'conceitos totalizadores'" — nossa crítica pode ser imensuravelmente mais eficaz, até mesmo revolucionária.

Das Nuffa Dat, "Resident Aliens" [Estrangeiros residentes] in Frederick Crews, *Postmodern Pooh* (2001)

O HOMEM DO LIVRO

Edward Said, falecido em 25 de setembro de 2003, tinha muitos amigos e ainda mais admiradores. Era bonito e estava sempre bem trajado. Também era elegante, sensível, espirituoso, erudito e culto. Tocava piano e tinha um conhecimento excepcional de música clássica. Era um crítico literário sutil e

respeitado. Sendo ele próprio um intelectual, sempre encarou com extrema seriedade os deveres do intelectual. Foi também um defensor incansável dos direitos dos palestinos e tinha um ceticismo adequado acerca do acordo de Oslo e mais tarde do "caminho" para a paz no Oriente Médio. Oponha-se ao regime corrupto e opressor de Yasser Arafat e seu séquito de protegidos na Cisjordânia. Quando não estava de fato travando algum debate feroz com aqueles que identificava como inimigos sionistas e imperialistas (e em debates não poupava ninguém), ele era ao que todos diziam um homem gentil e de fala mansa. Durante toda a vida, recebeu muitas honrarias, tendo, entre outros títulos, o de membro da Academia Americana de Artes e Ciências, da Real Sociedade de Literatura, da Sociedade Filosófica Americana e da Academia Americana de Artes e Letras.

Said nasceu em Jerusalém em 1935. O motivo parece ter sido o de seus pais preferirem os hospitais de Jerusalém aos do Cairo. No entanto, seus pais, que eram cristãos protestantes, provinham do Líbano; e Said, que recebeu sua educação principalmente no Egito e depois nos Estados Unidos, era cidadão egípcio e americano. Sua família costumava passar as férias de verão no Líbano. Em suas memórias, *Out of Place* [Deslocado], Said escreveu sobre sua infância e vida no Egito com um pai autoritário e uma mãe indulgente.¹ Ele passou somente alguns meses numa escola em Jerusalém. Portanto, é questionável que se apresente como palestino. Mas talvez a questão não seja importante. Ele decerto se considerava palestino e sentia uma identificação apaixonada com os sofrimentos daquele povo. Said cresceu numa próspera residência na qual o árabe era usado apenas para falar com os criados. (Ele somente veio a dominar o árabe literário muito mais tarde na vida, depois de ter aulas.) A maior parte de sua formação foi no elegante Victoria College no Cairo, "uma instituição projetada para ser a Eton do Oriente Médio". Os prédios da escola tinham os nomes de heróis do imperialismo e da exploração britânica: Kitchener, Cromer, Frobisher e Drake. Era proibido falar árabe no recinto. Naquela escola, Said era um rebelde e um forasteiro. O bedel chefe, Omar Sharif (o ator, cujo nome original é Michael Shalhoub), foi um dos que o espancaram. Em *Out of Place*, Said descreve sua reação a mais uma surra de vergastadas, dessa vez por parte de um mestre: "uma fúria implacável me

dominou quando jurei tornar a vida 'deles' um inferno, sem ser apanhado, sem jamais me permitir chegar perto de qualquer um deles, tirando deles o que tinham a oferecer totalmente a meu próprio modo."²

Sua educação superior realizou-se nos Estados Unidos a partir de 1951. Como ele mesmo a descreveu, sua juventude foi dourada porém infeliz. Ele era um rapaz motivado, que lutava para estar à altura das expectativas dos pais e não parava de procurar novas metas a atingir, sem jamais ter vontade ou capacidade para relaxar. Durante a vida inteira, sofreu de insônia. cursou a graduação em Princeton e depois fez um doutorado sobre Joseph Conrad em Harvard. De 1962 a 1967, viveu num casamento infeliz. Em 1970 voltou a se casar. Em 1967 (ano da Guerra dos Seis Dias) começou a ensinar no departamento de inglês da Columbia University em Nova York e continuou a ensinar lá a vida inteira. Embora fosse um escritor e acadêmico aclamado e de estilo de vida confortável, que ensinava numa universidade de elite e freqüentava lugares exclusivos no mundo inteiro, toda a vida ele preferiu se considerar um excluído.³

O crítico literário Erich Auerbach (1892-1957) foi um dos modelos de Said. Auerbach foi um importante praticante da filologia românica; e sua grande obra, *Mimesis* (1946), era um exercício de literatura comparada, mais especificamente um estudo das percepções inconstantes que os homens têm da realidade, conforme refletidas na literatura. A faixa de textos estudados era impressionante, pois ele começou com a Bíblia e Homero e terminou com Proust. Auerbach costumava trabalhar a partir do *Ansatzpunkt* (ponto inicial) do estudo de um determinado texto, ou de parte de um texto, para compreender a história e o mundo como um todo. Um fator incidental motivador da adulação de Said diante de Auerbach foi o fato de que este último tinha escrito sua obra-prima no exílio em Istambul. Said, que se considerava um exilado da Palestina, costumava repetir a citação que Auerbach fazia de Hugh of St Victor: "O homem que se encanta com sua pátria ainda é um jovem iniciante; aquele para quem todos os solos são como sua terra natal já está forte; mas perfeito é aquele para quem o mundo inteiro é terra estrangeira."

Auerbach tinha uma reverência especial pelo historiador e professor de retórica Giambattista Vico (1668-1744), e nisso também Said o acom-

panhou. A obra de Vico *Principi di una scienza nuova* (1725) procurava estudar as culturas de tempos passados nos seus próprios termos e afirmava ser absurdo julgar os homens segundo o etos de tempos posteriores. Vico afirmava que as culturas eram moldadas em grande parte por sua percepção particular de seu próprio passado. Em cada sociedade, leis e códigos de comportamento eram baseados num “*senso commune*”, um consenso sustentado por estruturas comuns de pensamento e sentimento. Said elogiava a “qualidade antagonística da obra de Vico — o fato de ele ser anticartesiano, anti-racional e anticatólico”.³ Além disso, o uso por parte de Vico de provas filológicas para defender amplas teses históricas fascinava Said. Entretanto, sua excessiva admiração por Vico era um pouco estranha, levando-se em conta o feroz racismo de Vico. Por exemplo, os comentários escarnecedores e condescendentes de Vico a respeito da filosofia e da pintura chinesa pareceriam à maioria dos leitores modernos uma atitude bastante ofensiva.

Em 1966, Said publicou *Joseph Conrad and the Fiction of Autobiography*. [Joseph Conrad e a ficção da autobiografia]. Conrad foi uma escolha acertada, não só por ter sido um exilado, mas por ter se especializado em ficção em locais exóticos e porque seu *O coração das trevas* deve ser lido como uma parábola sinistra sobre o colonialismo. Said usou as cartas de Conrad para estudar a facilidade com que Conrad apresentava sua vida passada para, de certo modo, poder se reinventar. O livro seguinte de Said, *Beginnings: Intention and Method* [Inícios: intenção e método] (1975), apresentava forte influência de Vico e de Michel Foucault (sobre quem falaremos mais adiante). A noção de que obras literárias individuais seriam moldadas pela formação discursiva da época, não pelo indivíduo seu autor, é nitidamente foucaultiana. Em *Beginnings*, Said alçou o crítico literário ao mesmo nível do artista criador ou até a um nível mais alto do que o deste. Também disparou algumas salvas contra o aventureiro e autor de fantasias literárias, T. E. Lawrence. (A auto-invenção de Lawrence em *Os sete pilares da sabedoria* foi ainda mais flagrante do que a de Conrad.) *Beginnings*, que foi produzido antes que Said tivesse pensado em se reinventar como defensor do islã contra estereótipos e generalizações, contém alguns exemplos notáveis exatamente desse tipo de atitude, por

exemplo: “É significativo que o desejo de criar um mundo alternativo, de modificar ou aumentar o mundo real através do ato de escrever(...) seja incompatível com a visão de mundo islâmica.”⁴ Já que se está tratando do tema de estereótipos, vale considerar se é possível ou mesmo desejável descartá-los totalmente. Como um importante matemático salientou: “Muitos estereótipos permitem a economia de expressão necessária para uma rápida comunicação e funcionamento eficaz. *Cadeira* é um estereótipo, mas nunca se ouvem queixas quanto a essa noção por parte de bancos de bar, espreguiçadeiras, pufes, peças de *art déco*, variedades de espaldar alto para salas de jantar, antigüidades valiosas, *chaises-longues* ou exemplares para uso em cozinhas.”⁵

A POLITIZAÇÃO DE UM CRÍTICO LITERÁRIO

O jovem Edward Said não era particularmente político. Em 1967, porém, viu a Guerra dos Seis Dias e a conseqüente ocupação israelense da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. A catástrofe de 1967 não foi simplesmente uma derrota militar para os árabes. Foi também um questionamento da imagem que tinham de si mesmos e levou intelectuais árabes a refletir sobre o que estava errado dentro do mundo árabe, além das óbvias injustiças de uma hegemonia americana e israelense no Oriente Médio. Cada vez mais, Said se identificava com causas árabes e começou a ter aulas de árabe na década de 1970. Entretanto, minha impressão é a de que, apesar de ter-se tornado um defensor entusiástico de um punhado de romancistas árabes contemporâneos, ele jamais adquiriu um conhecimento profundo da tradição literária árabe.

Em março de 1973, terroristas palestinos tomaram a embaixada saudita em Cartum, e três diplomatas americanos foram mortos. Naquele mesmo ano, em outubro, tropas egípcias atravessaram o Canal de Suez e tentaram retomar de Israel o deserto do Sinai e a Faixa de Gaza. A guerra do Egito teve o apoio da União Soviética. Contudo, o apoio americano a Israel foi mais irrestrito e mais eficaz. Numa série de manobras ousadas, as

tropas israelenses cercaram uma grande parte do exército egípcio. Os regimes árabes reduziram a produção de petróleo em protesto diante da intervenção americana na região. Os árabes, fossem eles xeiques riquíssimos, fossem combatentes pela libertação da Palestina, foram vítimas de uma revoltante hostilidade por parte dos jornais americanos bem como por parte da televisão (fenômeno que persiste até o presente). Foi a crise do Oriente Médio de 1973 que inspirou Said a pesquisar e a escrever *Orientalismo*, que foi publicado em 1978. Apesar de as críticas iniciais terem sido extremamente negativas, o livro acabou tornando-se um clássico, traduzido para 35 línguas. Embora a versão inglesa tenha sido reimpressa repetidamente, Said não fez esforço algum para corrigir alguns dos erros factuais que foram assinalados quando da primeira publicação. Na realidade, Said mais tarde acrescentou um "Posfácio" cheio de presunção, em que se recusava a fazer qualquer tipo de concessão e insultava abertamente críticos do livro.

Orientalismo não é uma história dos estudos orientais, mas uma polêmica altamente seletiva sobre certos aspectos da relação entre o conhecimento e o poder. Seu estilo e seu conteúdo causam a forte impressão de que o livro se dirige exclusivamente a um público leitor ocidental. Os alvos de Said incluíam orientalistas acadêmicos, mas também atingiam altos administradores coloniais, exploradores e romancistas, pois ele acreditava que todos esses grupos participavam de um discurso orientalista comum. Said restringiu sua argumentação à região central do mundo árabe, sem apresentar um exame significativo dos estudos persas ou turcos. Ele chegou a deixar de lado as terras árabes no norte da África (o que resultou em terem os orientalistas franceses saído relativamente incólumes). Na introdução, ele expôs seus objetivos e metodologia. Vico, Foucault, Antonio Gramsci e Raymond Schwab (autor do estudo confuso porém cativante sobre os interesses europeus na Índia, *La Renaissance orientale*, 1950) são invocados como os *maitres à penser* condutores do exercício. O primeiro capítulo, "A abrangência do orientalismo", avança e recua pelos séculos afora, precipitando-se sobre Arthur Balfour, Êsquilo, Dante, Gibb e muitos outros com acusações de racismo e de atitudes colonialistas. O capítulo seguinte, "Estruturas e reestruturas orientalistas", contém uma crítica

mais uniforme de certas figuras importantes do século XIX, como, por exemplo, Lane e Renan. "O orientalismo agora" é o capítulo mais polêmico, no qual jornalistas e acadêmicos judeus são os alvos específicos das denúncias de Said. É evidente que um rancor pelo que vinha acontecendo aos palestinos desde a década de 1940 instigou Said a escrever esse livro. Todavia, em vez de culpar os políticos britânicos, americanos e soviéticos, lobistas sionistas, o exército israelense e, por que não, a fraca liderança palestina, num estranho tipo de deslocamento, arabistas acadêmicos de séculos passados, como, por exemplo, Pococke e Silvestre de Sacy, foram apresentados como os principais responsáveis pelos desastres da própria época de Said.

ALGUNS PROBLEMAS DE ORIENTALISMO

Orientalismo dá a impressão de um livro escrito às pressas. É repetitivo e contém muitos erros factuais. Said menciona "Pedro, o Venerável, e outros orientalistas cluniacenses".⁶ Que outros orientalistas cluniacenses? Seria interessante conhecer seus nomes. (Mas naturalmente a idéia de que houvesse toda uma escola de orientalistas cluniacenses é absurda. Pedro, o Venerável, trabalhou sozinho.) Como Bernard Lewis ressaltou, Said faz com que exércitos muçulmanos conquistem a Turquia antes de conquistar o norte da África. Isso realmente sugere uma ignorância espantosa da história do Oriente Médio, da mesma forma que sua crença quanto a terem a Grã-Bretanha e a França dominado a região oriental do Mediterrâneo a partir do final do século XVII.⁷ Said diz que muitos dos tradutores orientalistas de Bonaparte eram alunos de Silvestre de Sacy, mas não se dá ao trabalho de apresentar nenhuma prova disso, e, como foi ressaltado num capítulo anterior, De Sacy começou a ensinar somente em 1796. O principal intérprete de Bonaparte era um dragomano, não um produto da academia; e, como De Sacy não sabia egípcio coloquial, de qualquer modo suas aulas teriam sido de utilidade limitada. Said descreve o historiador suíço Jacob Burckhardt (famoso por sua obra *Civilização do Renascimento na Itália*) trabalhando com provérbios egípcios.⁸ É um absurdo. Said afir-

ma que a obra de Edward William Lane *Manners and Customs of the Modern Egyptians* [Maneiras e costumes dos egípcios modernos] era dirigida para um público acadêmico; mas, como vimos, o livro foi publicado por uma organização dedicada à formação de um vasto público leitor. Said afirmou que *Life of Mahomet*, de Muir, escrito no século XIX, e seu livro sobre o califado ainda eram tratados como fontes abalizadas na década de 1970 (como se nunca tivessem sido escritos os livros e artigos posteriores sobre os mesmos temas de autoria de Wellhausen, Nöldeke, Goldziher, Lammens, Brockelmann, Watt e Rodinson). Said também alegou que Gibb teria insistido em usar o título *Mohammedanism* [Maometismo] em sua pequena monografia sobre o islã, quando na realidade, se tivesse se dado ao trabalho de ler a introdução daquele livro, Said teria sabido que o título foi imposto a Gibb pela editora, porque esse era o título do manual anterior de autoria de Margoliouth.

Seria possível seguir adiante com essa lista de erros. Alguns são insignificantes, mas outros são de fato importantes. Aliados sofisticados de Said sugeriram que os fatos, ou erros factuais, não são a questão principal. Na realidade, a insinuação é a de que o recurso a “fatos” e “provas” seria uma tradição de orientalistas reacionários. Sugere-se que a verdade essencial da condenação de Said ao orientalismo é tal que a abrangência de seus argumentos não é prejudicada pela falta de uma fundamentação factual detalhada. As “tensões e contradições” que tanto atormentam seus críticos (entre os quais estou incluído) são “fundamentais para seu arcabouço transnacional”.⁹ O próprio Said, num ensaio posterior “Orientalism Reconsidered” [Orientalismo revisitado], pareceu ter dúvidas (obscuras) quanto ao valor da coerência, sugerindo que “a alegação que alguns fazem de que sou aistórico e incoerente seria mais interessante se as virtudes da coerência, seja lá o que for que se pretenda dizer com o termo, fossem submetidas a uma análise rigorosa”.¹⁰ É possível sofrer a tentação de aceitar esse tipo de argumento, embora, naturalmente, se Said e seus defensores não se sentem obrigados a respeitar fatos, não há motivo algum pelo qual seus críticos deveriam respeitar fatos. Pois, se é permissível apresentar uma imagem falsa do orientalismo, do cristianismo e do imperialismo britânico, não seria tão obviamente errado apresentar de

modo semelhante uma falsa imagem do islã, da história árabe ou da difícil situação dos palestinos. Como Sir Thomas More observou na peça *O homem que não vendeu sua alma* de Robert Bolt: “Este país está coalhado de leis de uma costa à outra — leis dos homens, leis de Deus — e se você as exterminar — e você é exatamente o homem certo para isso — acha realmente que conseguiria se manter firme diante dos ventos que então haveriam de soprar? (*Em voz baixa.*) É, eu daria ao Demônio o benefício da existência da lei, para minha própria segurança.”¹¹ Outros sugeriram que, apesar de estar cheio de erros, *Orientalismo* ainda é de enorme valor porque estimulou a discussão e o debate sobre problemas importantes. Entretanto, não está óbvio o valor de um debate baseado numa versão fantasiosa da história e de esforços acadêmicos passados.

Ainda que possa de fato haver algum problema com as não analisadas “virtudes da coerência”, isso seria um nada em comparação com os problemas resultantes de uma argumentação que é incoerente com frequência e de modo flagrante; já que passa a ser difícil até mesmo descobrir qual é a argumentação. Para dar um exemplo, Said não consegue se decidir quanto à época em que o orientalismo teve início. Grande parte do tempo, ele quer associar suas origens à invasão do Egito por Napoleão em 1798. O orientalismo é repetidamente apresentado como um fenômeno secular do Iluminismo. (Essa noção seria um paralelismo aproximado do argumento de Foucault, em *As palavras e as coisas*, de que até as últimas décadas do século XVIII o Homem não existia e que foi somente nessa época que Deus foi removido do centro do universo e o Homem passou a ser tanto o objeto como o sujeito do conhecimento.) Em outras ocasiões, porém, Said parece considerar a *Bibliothèque orientale* (1697), de d’Herbelot, o documento fundador do orientalismo. Mas em seguida, será que Postel não teria sido o primeiro orientalista? Outra data possível oferecida por Said é a de 1312, quando o Concílio de Vienne estabeleceu cátedras de hebraico, árabe e outros idiomas (embora Said pareça não se dar conta de que os decretos do concílio referentes ao ensino do árabe foram letra morta.)

Já nos deparamos com os lendários orientalistas cluniacenses do século XI. Mas pode-se voltar ainda mais ao passado para descobrir típicas atitudes ocidentais de um antiorientalismo sinistro nos dramas de Ésquilo e Eurípides. Suas peças destilavam distinções entre a Europa e o Ori-

ente que “perdurarão como motivos essenciais da geografia emocional européia”. Sadik Jalal al-‘Azam (um dos muitos críticos árabes de Said) descreve bastante bem a confusão daí decorrente: “Em outras palavras, o orientalismo não é realmente um fenômeno absolutamente moderno, como pensávamos antes, mas o produto natural de uma antiga e irresistível tendência mental européia de descrever incorretamente as realidades de outras culturas, povos e seus idiomas, favorecendo a auto-afirmação, dominação e ascendência ocidentais.”¹²

Em parte, o desejo de Said de incluir Homero, Êsquilo e Dante em sua galeria de vilões orientalistas provinha de seu envolvimento humanista com uma série de grandes livros, mais ou menos segundo o modelo de Auerbach, se bem que, naturalmente, o envolvimento de Said fosse de natureza hostil. A questão cronológica é também de alguma importância pois, se Êsquilo, Dante e Postel não de ser acusados de orientalismo, conclui-se que não pode ser verdadeiro o vínculo necessário postulado por Said em outro texto entre o orientalismo e o imperialismo. Pelo menos até as últimas décadas do século XVII, a Europa foi ameaçada pelo imperialismo otomano, e é difícil estabelecer o início do domínio econômico ocidental sobre o Oriente Médio em data anterior às últimas décadas do século XVIII. A Grã-Bretanha conquistou o efetivo controle político e militar do Egito na década de 1880. A Grã-Bretanha e a França conseguiram mandatos sobre outros territórios árabes em consequência da Primeira Guerra Mundial.

A certa altura em *Orientalismo*, Said afirma que não havia nenhuma diferença essencial entre as visões do islã mantidas nos séculos XII e XIII, de um lado, e as do século XX, do outro.¹³ A partir dessa afirmação, seria necessário deduzir que a invenção e o desenvolvimento do orientalismo do século XVIII em diante não tiveram absolutamente nenhum impacto, positivo ou negativo, sobre as idéias e sentimentos dos europeus a respeito do islã nos tempos modernos. Em outro local, Said sugeriu que a esquematização do Oriente, que começou na Antiguidade, teria continuado durante a Idade Média.¹⁴ Ele citou o tratamento que Dante deu aos muçulmanos na *Divina Comédia* para provar o que dizia. Segundo Said, Dante foi culpado, da mesma forma que o

enciclopedista do século XVIII d’Herbelot, de incorporar e esquematizar o Oriente.¹⁵ No entanto, meu capítulo sobre escritores medievais deve ter deixado evidente que Dante não possuía nenhuma visão esquematizada do islã. Ele dá a impressão de ter sido quase totalmente ignorante em relação a essa religião, e não demonstrava grande interesse pela cultura árabe.

A apresentação que Said fez da história do orientalismo como um conjunto de livros importantes porém nocivos, quase todos de autoria de homens brancos mortos, foi a de um crítico literário que superestimou enormemente a importância da alta literatura na história intelectual. Um de seus procedimentos prediletos era submeter textos proeminentes a leituras desconstrucionistas — não apenas *Manners and Customs of the Modern Egyptians* de Lane e *The Cambridge History of Islam*, mas também produtos básicos e vigorosos do departamento de literatura como, por exemplo, *O talismã* de Walter Scott, *Daniel Deronda* de George Eliot, o diário de Flaubert e suas cartas do Egito. Said, que também superestimou o papel contestatório do intelectual, parece ter sido da opinião de que os problemas políticos do Oriente Médio eram em última análise de natureza textual, que poderiam ser resolvidos por meio de técnicas de leitura crítica. A seus olhos, foram estratégias de discurso e textuais que impeliram o projeto imperialista e plantaram seringais, que abriram o Canal de Suez e estabeleceram guarnições de legionários no Saara. Como o orientalismo é por natureza uma doença ocidental, o mesmo deve valer para o imperialismo. Os persas, que sob o comando de Ciro, Dario e Xerxes construíram um império poderoso e tentaram acrescentar a Grécia a esse império, não foram acusados de imperialismo por Said. Pelo contrário, eles foram apresentados como vítimas trágicas e inocentes de descrições enganosas por parte de dramaturgos gregos. Posteriormente os omíadas, os abássidas, os fatímidas e os otomanos chefiaram enormes impérios, mas também essas dinastias escaparam à censura. Na realidade, também foram consideradas vítimas de representação enganosa por parte do Ocidente.

acadêmico. Para dar um exemplo entre muitos, Lammens sem dúvida tinha uma programação militantemente católica, e a diligência com que investigava as fontes da história antiga do islã era em grande parte motivada por sua hostilidade para com aquela religião, mas isso em si não invalida todas as suas conclusões a respeito daquelas fontes.

Restringi minha análise de *Orientalismo* principalmente ao tratamento incorreto que o autor deu aos orientalistas acadêmicos, pois considero confuso e equivocado reuni-los todos no mesmo saco com poetas, administradores e exploradores, como se tivessem muito em comum.

Em *Orientalismo*, Clifford Geertz recebeu altos elogios por ser um excelente exemplo de um antropólogo que tinha descartado as *idées reçues* do orientalismo e “cujo interesse pelo islã é distinto e concreto o suficiente para ser impulsionado pelas sociedades e problemas específicos que ele estuda, e não pelos rituais, preconceções e doutrinas do orientalismo”.³⁸ No entanto, cinco anos mais tarde, em “Orientalism Reconsidered”, Said escreveu sobre as “racionalizações disciplinares de praxe e os chavões presunçosos sobre círculos hermenêuticos apresentados por Clifford Geertz”.³⁹ Teria a metodologia de Geertz mudado nesses cinco anos? Na realidade, não. O que mudou foi o fato de Geertz ter escrito em tom crítico sobre o livro de Said *Covering Islam* na *New York Review of Books* em 1982, onde mencionou a “falta de rigor” de Said para com as provas, bem como seu “tom de alto pânico moral”, e concluiu afirmando que o livro deixava “um travo desagradável na mente”.⁴⁰

A RECEPÇÃO A ORIENTALISMO

As primeiras críticas a *Orientalismo* foram em grande parte hostis. Mesmo os elogiados por Said, como, por exemplo, Hourani, Watt, Berque e Riddison, foram extremamente críticos.⁴¹ Aos poucos, porém, o livro passou a ser cultuado nos meios intelectuais, especialmente entre pessoas que não eram orientalistas e não detinham conhecimento especial sobre o tema. Embora os especialistas na área elaborassem listas de seus erros e equívocos, edições subsequentes do livro foram publicadas sem nenhuma correção ou retratação de qualquer natureza. Críticas ao livro por parte de orientalistas

ocidentais, como, por exemplo, Bernard Lewis ou Donald Little, podem ser descartadas como a atitude defensiva da “corporação” dos orientalistas. Contudo, alguns dos críticos mais severos eram árabes. A perplexidade de Sadik Jalal al-‘Azmi diante da excessiva admiração de Said por Massignon, bem como suas dúvidas quanto à cronologia do orientalismo apresentada por Said, já foram mencionadas. Em termos mais gerais, al-‘Azmi, em seu brilhante artigo “*Orientalism in Reverse*”, concordou com Said quanto à suposta superioridade moral dos orientalistas e sua tendência a criar uma “fratura ontológica” entre o Oriente e o Ocidente, mas atacou Said por estereotipar o orientalismo e por fazer uma representação grotescamente deturpada do islã. Said errava ao situar as origens do orientalismo em Homero e Dante, pois isso disfarçava o fato de que se tratava essencialmente de um fenômeno moderno. Al-‘Azmi sugeriu que, para Said, a representação parecia mais real que a realidade; e que sua hostilidade à esquematização e codificação do conhecimento era irracional. Nadim al-Bitar, um muçulmano libanês, acusou Said de generalizar de modo excessivo e insano sobre a natureza do orientalismo, além de exagerar grotescamente a incidência do racismo nos círculos intelectuais ocidentais.⁴² Críticos árabes sentiram-se especialmente ofendidos pelo desdém que Said demonstrou pelas críticas culturais árabes, como análises de “segunda classe”, e pelo pensamento árabe contemporâneo como um raso reflexo do pensamento ocidental.

Em “*Between Orientalism and Historicism*” [Entre o orientalismo e o historicismo], Aijaz Ahmad, um professor de inglês indiano e marxista, foi cáustico a respeito do antiquado humanismo no estilo ocidental de Said, bem como sobre seu uso atabalhoado das idéias de Derrida sobre a identidade e a diferença. Ele acusou Said de tentar “explorar três definições totalmente diferentes de orientalismo”, mas foi a ligação de Said com Foucault que o levou à pior confusão, pois Said acusou os orientalistas de intencionalmente deturparem a realidade objetiva, enquanto Foucault negava a possibilidade de uma realidade objetiva.⁴³ O muçulmano britânico Ziauddin Sardar criticou Said por sua posição numa instituição acadêmica ocidental e por sua visão estreita. Como Sardar ressaltou, o islã não está confinado ao Oriente Médio, e na realidade a maioria dos muçulmanos se encontra fora daquela região. Também criticou Said por não reconhecer o

trabalho de seus predecessores na área. Sardar compartilhou da hostilidade dos marxistas diante do “humanismo” de Said, que, afirmou ele, provinha da mesma cultura que produziu o orientalismo, o imperialismo e o racismo. Sardar tinha também percebido que um livro posterior de Said, *The Question of Palestine*, revelava uma forte aversão ao islã.⁴⁴

Outros, porém, tiveram uma opinião muito mais favorável de *Orientalismo*; e, com o passar do tempo, o livro estabeleceu uma tendência para livros que se propunham a “negociar o outro”, “reinventar a alteridade” e iniciativas semelhantes. Said foi canonizado pela *intelligentsia* ocidental e aclamado como um importante proponente dos estudos pós-coloniais. Houve uma tendência a associá-lo a figuras como, por exemplo, Homi Bhaba, o teórico pós-colonial, e Gayatri Spivak, o crítico literário cultural bengalês. Essa escola desenvolveu seu próprio estilo de prosa característico. Vejamos, por exemplo, esta pérola de Spivak: “A rememoração do ‘presente’ como espaço é a possibilidade do imperativo utópico do nenhum-lugar (específico), o projeto metropolitano que pode suplementar a tentativa pós-colonial da impossível catexe da história vinculada ao lugar como o tempo perdido do espectador.”⁴⁵

Orientalismo promoveu uma plethora de narrativas de opressão, e seus argumentos foram alimentar estudos subalternos. (Em estudos subalternos, a voz do colonizado tem preferência em relação à voz dos colonialistas.) Em *Orientalismo* e no mais recente *Culture and Imperialism*, Said apresentou-se como alguém engajado numa iniciativa de contestação: este específico crítico literário estava na vanguarda da luta contra a hegemonia ocidental pós-colonial. Mas o que ele tinha realizado? Os orientalistas mudaram suas práticas de trabalho? Não mudaram, já que Said não fez nenhuma sugestão positiva quanto a como deveriam mudar essas práticas e, na realidade, em diversos trechos ele deu a impressão de sugerir que era impossível mudar. Os imperialistas perturbaram-se com o livro de Said? Parece que não. Sheldon Pollock acertou em cheio nesse ponto: “Por que, em outras palavras, mecanismos centrais do imperialismo deveriam abraçar de modo tão hospitaleiro aqueles que procuram contestá-lo, e por que motivo o imperialismo o tempo todo demonstra estar totalmente indiferente? Pode ser uma questão batida e cansativa (uma reprise do sucesso da década de 1960

'Repressive Desublimation' [Dessublimação repressiva]), mas a alegre des-preocupação do capitalismo tardio para com os que o desmascaram, sua domesticação aparentemente bem-sucedida da academia antiimperialista e sua comodificação da teoria contrária são difíceis de deixar de lado e decerto fazem pensar aqueles que visualizam seriamente algum papel para a crítica no projeto de mudança progressiva."⁴⁶

LEWIS E GELLNER VERSUS SAID

Não surpreende que as respostas mais magistrais a *Orientalismo* tenham vindo de Bernard Lewis. "The Question of Orientalism" foi publicado com certo atraso em *New York Review of Books* (24 de junho de 1982). Lewis defendeu com eloquência o sistema acadêmico à moda antiga e concluiu sua defesa com as seguintes palavras:

A questão mais importante — menos mencionada pela atual onda de críticos — é a dos méritos acadêmicos, na verdade a validade acadêmica, das descobertas dos orientalistas. Com prudência, os antiorientalistas praticamente não tocam nessa questão e de fato dão pouquíssima atenção aos textos acadêmicos dos estudiosos cujas supostas atitudes, motivações e propósitos formam o tema de sua campanha. A crítica acadêmica dos estudos acadêmicos dos orientalistas é uma parte legítima, inerente e, na realidade, necessária do processo. Felizmente, ela está sempre em atividade — não uma crítica do orientalismo, o que não teria significado, mas uma crítica da pesquisa e dos resultados de acadêmicos isolados ou de escolas de acadêmicos. A crítica mais rigorosa e contundente ao orientalista, como a de qualquer outro ramo acadêmico, sempre foi e sempre será aquela proveniente dos acadêmicos seus colegas, especialmente, embora não exclusivamente, daqueles que trabalham no mesmo campo.

A defesa de Lewis do orientalismo como pura atividade acadêmica, ou pelo menos como disciplina que se empenha pela objetividade, parecerá absurda a muitos. Entretanto, se realmente nos sentarmos para ler a edição de Pococke de *Hayy ibn Yaqzan*, ou a obra de Cresswell sobre a crono-

logia das mesquitas egípcias, Cahen sobre a topografia da Síria na Idade Média, de Slane sobre a classificação dos manuscritos na Bibliothèque Nationale ou ainda Charles Burnett sobre a transmissão do conhecimento árabe na Inglaterra medieval, é extremamente difícil detectar uma intenção política nesses estudos acadêmicos — até mesmo uma intenção inconsciente. Existe o que se pode chamar de acadêmico isento. Eu mesmo já tomei chá com alguns.

Em 1986, a Associação Americana de Estudos do Oriente Médio [American Middle East Studies Association] tentou organizar um debate entre Lewis e Said. No entanto, apesar de estar presente no mesmo tablado que Said, Lewis quase não debateu com ele, mas apresentou com frieza o que na realidade era um ensaio preparado para defender sua posição. Não negou que existissem estereótipos, particularmente no que dizia respeito ao despotismo oriental e à licenciosidade no harém. Pediu cortesia e um debate sereno em vez de polêmico.⁴⁷ Said, ao responder, não foi especialmente cortês. afirmou que o conhecimento nunca é abstrato, mas sempre reflete o poder. Concentrou seu ataque na mídia americana e sua cobertura dos árabes e do islã (e esse era, naturalmente, um alvo bastante vulnerável, tendo em vista que a cobertura americana do Oriente Médio e em especial de questões palestinas em sua maior parte tem sido vergonhosa — preconceituosa, ignorante e ofensiva). Passou então à sugestão de que a distorção da realidade do Oriente Médio por parte da mídia tinha funcionado "por causa da ativa colaboração de todo um quadro de acadêmicos, especialistas e cúmplices recrutados nas fileiras dos orientalistas e dos lobbies de interesses especiais". Os orientalistas eram conspiradores malévolos que deveriam ter sido mais cautelosos ou, na melhor das hipóteses, eram culpados de não ter combatido estereótipos da imprensa. Entre os especialistas acusados, ele arrolava Lewis, Kedourie e Ernest Gellner. Eles eram culpados de ser hostis à religião e à cultura do islã. (Mas eu suspeito que seu verdadeiro crime seja o de todos eles terem criticado Said.) Lewis foi acusado de tentar fornecer antecedentes religiosos medievais para os modernos seqüestros de aviões. Gellner supostamente teria afirmado que "os muçulmanos são uma amolação e visceralmente anti-semitas". Said queria saber por que motivo alguns orientalistas participaram de um

simpósio sobre o terrorismo. Ele alegava que as únicas coisas que os orientalistas escolhiam para estudo eram a ignorância árabe em relação à Europa e o anti-semitismo árabe; e que eles descartavam totalmente a literatura árabe. Lewis em sua resposta de fechamento disse que “difícilmente pode-se considerar honesto ou justo tentar refutar o ponto de vista de alguém, não em termos do que ele disse, mas de motivações que se resolve atribuir a ele a fim de facilitar a refutação. Não se pode considerar um exemplo de verdade ou justiça usar as táticas de difamação que se tornaram tão conhecidas neste país em épocas passadas, reunindo como iguais escritores, acadêmicos e jornalistas de origem e caráter muito díspares, com isso transmitindo a idéia, em vez de fazer a afirmação direta, de que são todos iguais, que constituem um todo homogêneo, conspiratório, sujeito a uma direção central”.⁴⁸

Gellner, mais um dos supervilões de Said, teve uma carreira intelectual extraordinária. Ele começou como filósofo profissional e em 1959 publicou *Words and Things* [Palavras e coisas]. Nesse livro controverso, Gellner atacou vigorosamente o professor Gilbert Ryle pela afirmação de que não existe nada que se possa chamar de mente, mas apenas objetos físicos e acontecimentos físicos. A publicação filosófica *Mind* (editada por Ryle) recusou-se a fazer a resenha do livro de Gellner, e o escândalo acadêmico daí decorrente garantiu ao autor do livro muita publicidade. Ved Mehta, o autor indiano de um livro sobre filósofos e historiadores, *Fly and Fly-Bottle* [A mosca e o frasco], visitou Gellner somente alguns anos mais tarde e descreveu o homem de 34 anos como “moreno, de altura mediana e vestido informalmente. O cabelo não estava penteado, e ele dava a impressão de um intelectual excêntrico”. (O talentoso escritor Mehta era cego de nascença.)⁴⁹ Quando conheci Gellner na década de 1970, fiquei impressionado com a sensação de poder intelectual que parecia irradiar do homem. Posteriormente, Gellner tornou-se sociólogo e realizou trabalho de campo antropológico a respeito de santos berberes nas regiões montanhosas do Marrocos. Um crescente interesse pelo islã levou em termos mais gerais à publicação de um volume de ensaios, *Muslim Society* [Sociedade muçulmana], em 1981. Àquela altura ele era professor de antropologia social em Cambridge. Em 1992, publicou *Postmodernism, Reason and Religion* [Pós-

modernismo, razão e religião]. Como diz a divulgação na quarta capa da edição em brochura: “Estamos vivendo num mundo pós-moderno? Se for esse o caso, como podemos explicar o extraordinário ressurgimento do fundamentalismo islâmico?”

Em 1993, ele voltou sua atenção malévola para Edward Said e, numa extensa crítica de *Culture and Imperialism* de Said, publicada no *Times Literary Supplement*, simplesmente arrasou o livro.⁵⁰ Tanto o livro como a crítica tratam principalmente da interação cultural conforme refletida na literatura ocidental, mas Gellner chegou a tocar na questão do orientalismo, com a observação de que “resta a Said um objetivismo que praticamente não se sustenta, sem apoio, mas que lhe permite explicar e censurar os ‘orientalistas’, reduzindo sua visão ao papel supostamente importante que desempenham no domínio do mundo”. Gellner perguntava-se como, enquanto os orientalistas eram prisioneiros de uma formação discursiva, Said tinha confiança suficiente na objetividade de seus próprios julgamentos morais. Gellner prosseguiu denunciando as interpretações equivocadas que Said apresentou de Gide, Camus, Fanon e outros, antes de encerrar sua crítica com as seguintes palavras: “A verdade não está associada à virtude política (seja direta seja inversamente). Insinuar o contrário é incorrer naquele pecado que Said deseja denunciar. Como a chuva, a verdade cai sobre os justos e os injustos. Os problemas de poder e cultura e suas turbulentas relações durante a grande metamorfose de nosso mundo social são por demais importantes para serem relegadas à crítica literária.”

Os amigos de Said uniram forças para defendê-lo e realmente conseguiram ressaltar que a crítica de Gellner continha uma série de erros factuais. O próprio Said, numa carta ao *Times Literary Supplement*, de modo nada convincente tentou apresentar Gellner como antimuçulmano. Gellner, ao longo de sua resposta a essa carta, referiu-se a *Orientalismo* como “bem interessante mas insignificante em termos intelectuais” e salientou que o livro de Said recomendava “discriminação cognitiva”: “A desqualificação *ex officio* de ‘orientalistas’ anda de mãos dadas com um endosso ou tratamento preferencial dos privilegiados e iluminados que vêem o problema ‘de dentro do tema’... Um status privilegiado como esse parece ser adquirido principalmente pela origem, ou às vezes por posicio-

namento político.” Said, em mais uma carta, denunciou Gellner por fazer generalizações sobre os muçulmanos sem saber nenhuma das línguas islâmicas e por fazer pouco caso do alto status da crítica literária. Ele alegou que na página 322 negou explicitamente que “apenas alguém de dentro, um muçulmano, uma mulher, um negro, pode escrever de modo significativo sobre a experiência islâmica, das mulheres ou dos negros”. Contudo, ao responder a apenas metade da acusação de Gellner, Said não conseguiu dar-lhe uma plena resposta, já que está evidente que em *Orientalismo* o “posicionamento político” poderia também privilegiar certos tipos de comentadores do islã, por exemplo. Ele ainda alegou que zombar da crítica literária, como Gellner tinha feito, era demonstrar “má-fé e cumplicidade com o poder imperial”.⁵¹ Em outro texto, Gellner referiu-se a Said como “um janota e um *bon vivant* de Manhattan”. Foi um dos melhores entreveros intelectuais das últimas décadas. Creio que Gellner estava trabalhando num ataque a *Orientalismo* em formato de livro, quando morreu em 1995.

O RESTANTE DO CÂNONE SAIDIANO

Os outros livros de Edward Said podem ser examinados de modo mais sucinto. Em *The Question of Palestine* (1980), ele protestou contra a recusa por parte dos israelenses e seus aliados em reconhecer uma identidade palestina. É interessante que, para corroborar essa identidade, ele tenha se sentido obrigado a recorrer ao apoio dos infernais orientalistas: “Leia-se qualquer relato de viagens pelo Oriente dos séculos XVIII ou XIX — Chateaubriand, Mark Twain, Lamartine, Nerval, Disraeli — e lá serão encontradas descrições dos habitantes árabes da Palestina.”⁵² Embora desde o início árabes cristãos tenham desempenhado um papel importante na Organização para a Libertação da Palestina, a atitude de Said para com os árabes cristãos era militantemente hostil: “Creio também ser necessário dizer que minorias militantes no Oriente Médio quase sempre foram agressoras contra o que Hourani chamou de universalidade, segurança e sentido de responsabilidade do islã sunita, ou seja da maioria do islã.” Na

mesma página em que está essa citação, Said conseguiu confundir o polemista árabe cristão al-Kindi com o polímata muçulmano mais recente e muito mais famoso de mesmo nome.⁵³ É presumível que Said não tenha se incomodado de ler nenhum dos dois escritores em questão. (Para uma opinião diretamente contrastante a respeito do destino das comunidades cristãs no Oriente Médio, ver *From the Holy Mountain* [Do monte sagrado] de William Dalrymple.) Em *The Question of Palestine*, Said declarou cheio de confiança que a sorte do fundamentalismo islâmico entrou em forte queda depois de 1967.⁵⁴ Pelo resto de sua vida, ele encontraria dificuldade para reconhecer a contínua vitalidade dos movimentos fundamentalistas islâmicos.

Dali em diante, escreveu mais alguns livros sobre a questão palestina, aí incluídos *After the Last Sky: Palestinian Lives* [Depois do último céu: vidas palestinas] (1986) e *The End of the Peace Process: Oslo and After* [O fim do processo de paz: Oslo e depois] (2000), além de uma quantidade de artigos grande demais para enumerar. Ele suspeitou acertadamente que o acordo de Oslo seria usado como um mecanismo para oprimir e espoliar ainda mais os palestinos. Quando escrevia sobre a Palestina contemporânea e os sofrimentos de seu povo, sua argumentação era direta, e ele era claro e eloquente. A partir de 1977, integrou o Conselho Nacional da Palestina, mas foi ficando cada vez mais insatisfeito com a forma pela qual Arafat o geria e pediu afastamento em 1991. Como Said continuou a denunciar a corrupção da administração palestina, Arafat proibiu a venda de seus livros na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. Said também foi atacado por sionistas e direitistas nos Estados Unidos. Seu escritório foi alvo de bombas incendiárias, e ele recebeu ameaças de morte. Mesmo assim, apesar de ser chamado de “um professor do terror” pela publicação direitista *Commentary*, Said foi coerente em sua rejeição ao terrorismo ou à política da luta armada como forma de avanço. Em 2001, depois de ter sido fotografado atirando uma pedra numa guarita israelense na fronteira com o Líbano, houve esforços determinados embora malsucedidos para expulsá-lo do cargo na Columbia University.

Em 1981, foi publicado *Covering Islam: How the media and the experts determine how we see the rest of the world* [Cobrindo o islã: como a mídia e os

especialistas determinam como vemos o resto do mundo]. Nesse livro, Said voltou ao ataque aos orientistas, mas dedicou mais atenção (hostil) à imprensa e à televisão, principalmente à cobertura da crise dos reféns americanos no Irã e da decapitação de uma princesa na Arábia Saudita. Foi típico de seu estilo de pensamento ele parecer considerar a cobertura ocidental da decapitação mais repreensível que a decapitação em si. A tendência geral do livro era argumentar que a sociedade ocidental não enfrentava uma ameaça significativa por parte de terroristas de fé islâmica fundamentalista. O verdadeiro perigo no confronto entre o Oriente e o Ocidente decorria das deturpações ocidentais do islã. Malcolm Yapp, um especialista na história do Afeganistão e da Índia britânica, resenhou o livro no *Times Literary Supplement* (9 de outubro de 1981), tendo encontrado muito com que discordar, em especial o descuido de Said para com citações. Ele chamou atenção para a interpretação incorreta de Said de um artigo que Edmund Bosworth, um historiador do islã medieval, escreveu para o *Los Angeles Times*. Said afirmava que Bosworth teria escrito que toda a atividade política nos países muçulmanos em quase 1.200 anos “pode ser compreendida como algo que emana da conclamação muçulmana pela *jihad*”. No entanto, Bosworth não tinha escrito nada semelhante, e Said devia ter conhecimento disso. A carta de Said em resposta à resenha foi candente e incoerente, mas Yapp voltou à carga numa carta posterior que começava como se segue: “Dá para entender por que Edward W. Said se sentiu ofendido(...) Um homem que tem a responsabilidade de orientar os estudos de outros deve se sentir constrangido quando é revelado que seus métodos não são adequados ao meio acadêmico. E essa demonstração não é alterada pelo alvoroço, pelas ofensas e afirmações enganosas com as quais ele procura confundir a questão em sua carta.”⁵⁵

Culture and Imperialism, que saiu em 1993, começava com uma afirmação evasiva a respeito da invasão do Iraque e da ocupação do Kuwait: “Como deduzida pelo partido iraquiano Ba’ath, a história árabe moderna revela a promessa não realizada, não cumprida, da independência árabe, uma promessa desvirtuada pelo ‘Ocidente’ e pelo sionismo. A sangrenta ocupação do Kuwait pelo Iraque estava portanto justificada por motivos bismarckianos, mas também em razão de se acreditar que os árabes ti-

nham o direito de corrigir injustiças que tinham sido feitas contra eles e arrancar do imperialismo um de seus maiores troféus.”⁵⁶ Entretanto, é claro que Said não estava de modo algum endossando o que Saddam Hussein tinha feito. *Culture and Imperialism* era essencialmente uma obra de crítica literária. Gellner não foi o único crítico a se sentir insatisfeito com a forma específica pela qual esse livro tinha conferido uma caráter político e exposto ao ridículo certas obras literárias. Em especial, a afirmação de Said de que as grandes fazendas coloniais deviam ser significativas em *Mansfield Park* de Jane Austen, por praticamente não serem mencionadas, foi amplamente ridicularizada. A argumentação geral de Said nesse livro foi a de que a literatura, ao representar ou descrever o colonialismo, fazia com que ele parecesse pertencer mais à ordem natural das coisas e, portanto, fosse mais aceitável.

Até 1999, a maioria dos leitores de Said tinha a impressão de que ele seria um exilado palestino, tendo sido criado em Jerusalém até que, aos 12 anos de idade, com o estabelecimento do Estado de Israel, a família e ele precisaram fugir para o Cairo. Entretanto, em 1999, o acadêmico judeu Justus Reid Weiner publicou um artigo em *Commentary* intitulado “‘My Beautiful Old House’ and Other Fabrications by Edward Said” [“‘Minha bela casa do passado’ e outras invenções de Edward Said”] em que, entre outros pontos, ele questionava as credenciais de Said como palestino.⁵⁷ Weiner passou alguns anos pesquisando a juventude de Said, e seu artigo foi baseado em 85 entrevistas. O relato do próprio Said sobre sua juventude, as memórias intituladas *Out of Place*, foi publicado cerca de apenas um mês depois do artigo de Weiner. Era um relato de sua vida até o ano de 1962. Uma obra franca, reflexiva, melancólica. Said apresentou a si mesmo como um exilado da felicidade, e a leitura de sua história causa depressão.

Durante toda a sua vida, Said foi um crítico constante de tudo o que os Estados Unidos fizessem no Oriente Médio. Como já foi ressaltado, ele também atacou com ferocidade aqueles árabes no Ocidente, como, por exemplo, Kanan Makiya e Fuad Ajami, que ousaram criticar Saddam Hussein. Depois da atrocidade das Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001, ele escreveu um longo artigo para o *Observer* no qual, embora de modo algum endossasse o que os terroristas tinham feito (pois isso ele

nunca fazia), explicava por que eles tinham agido daquela forma (o que sempre fazia). Said apresentou as justificativas dos terroristas por eles, exatamente como tinha apresentado justificativas para Saddam Hussein. Ele jamais, em tempo algum, justificou a violência, o terror ou a tortura. Meramente elogiava essas atitudes com débeis condenações.

Ele não apreciava a música árabe e escreveu (em *Out of Place*) sobre sua aversão ao modo de cantar do egípcio Um Kulthum, que considerava “horripelmente monótono em seu interminável lamento melancólico e desesperado, como os gemidos e uivos incessantes de alguém que estivesse sofrendo uma crise de cólica extremamente prolongada”. Por outro lado, ele adorava a música clássica ocidental e, tarde na vida, fez amizade com o pianista israelense Daniel Barenboim. Juntos eles escreveram um livro, *Parallels and Paradoxes: Explorations in Music and Society* [Paralelos e paradoxos: explorações na música e na sociedade] (2002), em que eles principalmente debatiam questões musicais de modo civilizado e amável. O último livro de Said, *Freud and the Non-European* [Freud e o não-europeu] (2003), um extenso ensaio baseado numa palestra proferida na casa em Londres onde Freud passou seus últimos anos como exilado, girava em torno de *Moisés e o monoteísmo*. Nesse ensaio, Said chamou atenção para a visão eurocêntrica que Freud tinha da cultura, antes de prosseguir, com uma tolerância inusitada: “Mas por que não deveria ser assim? O mundo dele ainda não tinha sido atingido pela globalização, pelas viagens rápidas, nem pela descolonização, que haveriam de tornar culturas anteriormente desconhecidas ou reprimidas disponíveis à Europa.”⁵⁸ (Muito bem, mas por que motivo Said não se dispôs a tratar com a mesma generosidade, Dante, que deveria ter tido muito menos informação sobre a Ásia e a África?) Mesmo assim, o ponto principal do ensaio consistia em realçar a disposição de Freud de reconhecer os “antecedentes e contemporâneos não judaicos do judaísmo”, como no caso de “Moisés, o egípcio”. O ensaio era principalmente um tratado sobre os tempos atuais, já que Said usou textos de Freud como pretexto para meditações sobre a fluidez tanto da identidade judaica quanto da palestina e sobre a conseqüente possibilidade de uma solução por meio de um único Estado em Israel/Palestina. A defesa por parte de Said da coexistência e da tolerância num único Estado pode ser louvada e admirada. Entretanto, atualmente,

ela parece ter o mesmo grau de exequibilidade política de planos para a criação do Reino de Shangri-lá. Ainda assim, seria excelente se um dia essa sua visão se concretizasse.

Em 1991, foi diagnosticado que Said tinha leucemia. Em suas últimas aparições em público, ele dava a impressão de estar cansado e tenso. Morreu aos 67 anos, em 24 de setembro de 2003, sendo objeto de muitos obituários respeitosos e afetuosos.⁵⁹

Contudo, é um escândalo e um desdouro para a qualidade da vida intelectual na Grã-Bretanha em décadas recentes que os argumentos de Said sobre o orientalismo tenham chegado a ser levados a sério. Obviamente, considero impossível acreditar que seu livro tenha sido escrito de boa-fé. Se o livro de Said é tão falho quanto eu creio que seja, por que ele atraiu tanta atenção e obteve tanto louvor em determinadas esferas? Não sei ao certo qual poderia ser a resposta correta. Talvez o motivo em parte seja um ressentimento diante da longa tradição de estabelecimento da “liga dos orientalistas”, por parte de alguns adeptos de disciplinas mais recentes como, por exemplo, os estudos da cultura e a sociologia. Alguns autores juntaram-se à disputa ao lado de Said, não porque se importem um mínimo que seja com a verdadeira história do orientalismo, mas porque são anti-sionistas ou antiamericanos. Nesses casos, zombar dos orientalistas deve ter servido como uma tranquilizadora atividade de deslocamento. O recurso de Said de exibir ostentadamente os nomes da moda, de Gramsci e Foucault, deve ter atraído alguns estudantes. Suas dúvidas superficiais e expressas em tom obscuro acerca da possibilidade da objetividade também se encaixaram em recentes modas intelectuais. A tese geral do livro valeu-se da culpa e das aflições do Ocidente quanto a seu passado imperialista. Há, sem dúvida, um fundo de verdade nas acusações que Said mencionou; e, por exemplo, alguns orientalistas, aí incluídos Snouck Hurgronje, Massignon e Berque, de fato trabalharam para as autoridades coloniais. No todo, porém, as qualidades positivas de *Orientalismo* são as de um bom romance. Ele é emocionante, está repleto de vilões sinistros, bem como de um número bastante menor de mocinhos, e o quadro que ele apresenta do mundo provém de uma rica imaginação, mas em sua essência é ficcional.